

# Os efeitos da crise no Egito

Nos diversos regimes mundo afora, até mesmo naqueles árabes, a política não se reduz mais às instituições.

O Egito comprova uma situação na qual o endurecimento autoritário coexiste com uma transformação fundamental das relações entre o Estado e a sociedade

POR SARAH BEN NEFISSA\*

**E**ra o Egito que "deveria" dar origem à democratização do mundo árabe, a última região do globo a conhecer uma evolução política significativa desde a queda do Muro de Berlim. O advento, em 2005, do movimento Kefaya - centrado na reivindicação democrática e na recusa da sucessão hereditária do presidente Hosni Moubarak -, seguido, em 2009, pela entrada no jogo político do antigo secretário-geral da Agência Internacional para a Energia Atômica (AIEA), Mohammed El-Baradai, eram considerados sinais de mudança. Mas nada disso aconteceu.

Por que o regime caiu em Tunis e não no Cairo? Para compreender é preciso analisar a relação entre os protestos sociais e as estruturas políticas. A diferença entre os dois países decorre da natureza particularmente opressora e policial do regime tunisiano de Zine el-Abidin Ben Ali. Por sua vez, o Egito apresenta uma versão mais sutil e inteligente da autocracia: no país é possível falar livremente - na imprensa, TV e blogs -, e até mesmo, tomar algumas iniciativas políticas.

Dessa fotografia do Egito, a Tunísia seria o "negativo": aparentemente desprovida de raízes, a revolta social no país teria se transformado em transtorno político numa velocidade espantosa, apesar - ou por causa - da repressão sangrenta que havia tentado sufocá-la.

Contudo, as duas situações também apresentam uma estranha similitude. Nenhuma força política pode verdadeiramente reivindicar a paternidade da revolução tunisiana. A situação não é diferente no Egito, onde a oposição está amplamente sobrepujada pelos protestos sociais. Por lá, os movimentos reivindicativos aliam-se com diferentes atores midiáticos, os quais reproduzem a estratégia do poder: deixar fazer, deixar manifestar as queixas e aceitar recuar quando necessário. Mas parcialmente.

Assim, a classe política egípcia, inclusive a Irmandade Muçulmana<sup>1</sup>, foi surpreendida pelo aumento das contestações, não apenas no meio operário como também nos bairros informais (espécies de favelas). A população mais pobre é sensível ao discurso sobre "democracia", "direitos humanos", "cida-



No Cairo, egípcios param para rezar durante protesto contra o governo

danía" e "reformas políticas" que invadiu o espaço público a partir de 2005. A retórica internacional dominante não deixa de ter algum impacto: ela dá origem a ajustes e a reapropriações por parte dos mais diversos atores da sociedade, até nas camadas populares.

De um lado, assistiu-se ao crescimento de ações violentas: barricadas em estradas para denunciar as mortes devido à falta de manutenção das rodovias e calçadas; ameaças de suicídio público e que hoje vêm se multiplicando na esteira do gesto de Bouazizi<sup>2</sup>. De outro lado, tranqüilizado pelo seu caráter "não político", o regime não respondia mais às demandas quando não emanavam de setores estratégicos.

Contudo, os poderes públicos reagiram com rapidez após os eventos na Tunísia, tomando medidas tais como o adiamento da adoção do texto de lei relativo à reforma do funcionalismo público. Por sua vez, as autoridades religiosas lembraram que o suicídio é um ato de apostasia<sup>3</sup> - o que contrasta com a opinião mais matizada do popular pregador Youssef Al-Karadhaoui no canal de TV por satélite Al-Jazeera a respeito de Bouazizi.

Uma característica do movimento social egípcio é o crescimento das reivindicações que usam referenciais identitários ou comunitários. Por exemplo, beduínos do Sinai que volta e meia se revoltam contra o tratamento repres-

sor de que são alvo, devido à proximidade com Israel; ou ainda, populações núbias que se queixam das suas condições de vida e reclamam os ressarcimentos que haviam sido prometidos por ocasião do seu deslocamento forçado quando da construção da Alta Barragem nos anos 1960. Porém, são as contestações dos coptas - em decorrência do atentado contra a igreja de Alexandria na manhã de 1º de janeiro de 2011 - que focalizam a atenção por conta das suas novas modalidades.

Analistas egípcios avaliam que o movimento social e político tunisiano caracteriza-se por ser "moderno", mais maduro e mais político, pois parte dos seus integrantes é oriunda de camadas educadas: a famosa classe média que fala a linguagem refinada dos direitos humanos, da liberdade, da democracia<sup>4</sup>. No Egito, a expressão do protesto é diferente. A linguagem da moral e da religião caracteriza os movimentos sociais mais pobres. Nos meios instruídos, a linguagem do protesto fala em justiça e insiste na natureza categorial e social das suas causas. Além disso, como não ver no protesto da juventude copta em reação ao atentado de Alexandria uma saída do confinamento "comunitário" para difundir a "questão copta" no interior do espaço público nacional? Como não ver a linguagem da cidadania por trás da palavra de ordem "queremos

nossos direitos", lançada perante os representantes do Estado<sup>5</sup>?

Estamos assistindo no Egito ao advento de um movimento que exige a renegociação das modalidades da unidade nacional. O "comunitarismo" regional tunisiano apresenta uma exigência similar. Mas os protestos tunisianos e egípcios também se dirigem à opinião internacional, por intermédio da mídia<sup>6</sup>. Neste caso, trata-se de uma mutação importante: estamos diante de sociedades "globalizadas" que compreenderam que não estão mais prisioneiras dos Leviatãs árabes e que o exterior não é necessariamente ameaçador.

No momento em que vemos a "hibridação" dos regimes políticos pelo mundo afora - uma teoria segundo a qual o quadro da globalização está questionando as capacidades dos Estados e tende a fazer desaparecer as distinções entre os regimes autoritários e os regimes democráticos<sup>7</sup> -, os protestos nos dois países mostram a hibridação paralela das formas da ação coletiva e dos modos de expressão do político. Até mesmo nos países árabes a política não se reduz mais às instituições. O Egito comprova que o endurecimento autoritário coexiste com uma transformação fundamental das relações entre o Estado e a sociedade<sup>8</sup>. Já a Tunísia mostrou que a distância entre protestos sociais e protestos políticos não é tão importante.

\*Sarah Bem Néfissa é pesquisadora no Institut de Recherche pour le développement (IRD).

- 1 Houssam Tamam e Patrick Haenni, "Les Frères Musulmans égyptiens face à la question sociale: autopsie d'un malaise socio-théologique", *Etudes et analyses*, n°20, Institut Religioscope, Friburgo, 2009.
- 2 Mohamed Bouazizi (1984-2011) era vendedor de rua tunisiano cuja autoimolação em 17/12/2010 foi o estopim dos protestos na Tunísia.
- 3 Abandono voluntário e público de uma religião.
- 4 Amr Choubaki, "Pourquoi les élections 2010 représentent elles les pires élections que l'Egypte ait connues?" *Al Masry Al Youm*, Cairo, 2/12/2010.
- 5 Laure Guirguis (dir.), 2008, *Conversions religieuses et mutations politiques. Tares et avatars du communautarisme égyptien*, Editions Non Lieu, Paris, 2008.
- 6 Khadija Mohsen-Finan, *Lés Médias en Méditerranée - Nouveaux médias, monde arabe et relations internationales*, Actes Sud, Arles, 2009.
- 7 Michel Camau e Gilles Massardier, (coordenadores), *Démocraties et Autoritarismes. Fragmentation et Hybridation des régimes*, Karthala, Paris, 2009.
- 8 "Verrouillage autoritaire et mutation générale des rapports entre l'Etat et la société en Egypte", (ed.) Egypte: l'éclipse. *Confluences Méditerranée*, 2010.